

Antígona

Sófocles

Vida

Sófocles nasceu por volta de 496 a.C., na pequena localidade de Colono (subúrbio), nas mediações de Atenas. Outras aldeias assim chamadas reclamavam a honra de terem sido a sua pátria, mas nas odes corais de Édipo em Colono, tem-se visto uma homenagem do poeta à sua terra natal na Ática. Morreu em 406, no mesmo ano em que Eurípedes falecia. Não foi certamente pobre.

Durante sua longa vida, Sófocles presenciou a expansão do império ateniense, seu apogeu com Péricles e, finalmente, sua decadência após a derrota na Sicília, durante a Guerra do Peloponeso.

O poeta participou ativamente da vida política de sua pátria; foi tesoureiro-geral de Atenas em 443/2 e foi eleito, no mínimo, duas vezes estrategista (comandante do exército em expedições militares).

Teve bela aparência e dela se aproveitou em experiências de palco que, segundo fontes, frustraram-se pela impropriedade de voz. Fez carreira de homem público, *stategós*. Morreu aos noventa anos e a imagem que deixou foi a de uma existência sem conflitos e dificuldades. Por vinte e quatro vezes foi vencedor dos concursos dramáticos, derrotando o próprio Ésquilo, o mais velho vencedor dos três grandes tragediógrafos da Grécia clássica. Sófocles compôs aproximadamente cento e vinte e três peças teatrais.

Dessa vasta produção chegaram até nossos dias sete tragédias completas (Aias, Antígona, Édipo Rei, Traquínias, Electra, Filoctetes e Édipo em Colono). Sófocles aperfeiçoou o drama ático, particularmente na distribuição dos personagens. As questões postas em discussão são ainda atuais, mesmo depois de dois mil e quinhentos anos, sob qualquer ângulo que se enfoque.

São os gregos, como Sófocles, a fonte para o debate das questões morais da vida humana. Em sua Antígona, por exemplo, Sófocles transforma o mito grego em um drama universal, de uma forma ou de outra, vivido por cada um de nós.

Sua intenção, como bom grego, é mostrar que toda ação humana é susceptível de erro. Daí a característica de sua literatura, alimentada pela mitologia.

Lógica

Contexto da peça Antígona:

A protagonista é filha de Édipo e Jocasta e sobrinha de Creonte, irmão de Jocasta. Após a morte de Édipo em Colono, ela retorna a Tebas com Ismene (sua irmã), onde seus irmãos (Etéocles e Polinices) disputavam a sucessão do pai (Édipo) ao reinado da cidade. Combinaram que se revezariam a cada ano, mas Etéocles, após o primeiro ano, não quis ceder o trono a Polinices, que foi embora cheio de rancor para a cidade de Argos, rival de Tebas. Lá, obteve apoio do rei e partiu para Tebas a fim de obrigar Etéocles a lhe entregar o trono. Após uma renhida luta entre os sete chefes tebanos (incumbidos da defesa de Tebas), com o exército argivo, Etéocles e Polinices foram mortos um pelo outro. Assim, Creonte assumiu o poder e proibiu o sepultamento de Polinices por ter lutado contra Tebas, determinando a morte para quem o desobedecesse. Enquanto isso, ordenava funerais de honra para Etéocles, que foi morto defendendo a cidade atacada por seu irmão. Antígona resolve, então, mudar o enredo da história. Desobedece a lei, enfrenta os soldados que vigiavam o corpo do seu irmão e realiza o sepultamento.

No texto *Antígona*, Sófocles desenvolve uma montagem com diversas idéias, que ao longo do texto vão se completando e formando uma estrutura coerente.

A idéia inicial, da qual Sófocles parte, é a maldição de Édipo, que, por perder o trono, deixará o poder de Tebas nas mãos de Creonte. A maldição é lançada sobre Édipo por desposar (sem o saber) Jocasta, sua mãe, após ter descoberto o enigma da Esfinge e se tornado rei de Tebas, sendo duplamente culpado (por ter matado o pai e por ter casado com a mãe), provocando a ira dos deuses tanto contra si, como contra Tebas. Para tentar se redimir, Édipo abandona o trono e arranca os próprios olhos, vagando cego pelo mundo[1]. Mesmo se autopunindo, Édipo não conseguiu evitar que sua maldição chegasse a seus quatro filhos: Ismena, Antígona, Etéocles e Polinice.

A peça segue um caminho que leva ao conflito entre as leis divinas e as leis dos homens, assim como o ingresso da democracia na vida cotidiana do grego e o fim das tiranias. A personagem Antígona, juntamente com o seu tio e rei de Tebas, Creonte, são o centro dessa discussão, cada um mantendo seu ponto de vista e seus valores e assumindo posições bem definidas que desencadearão toda a seqüência lógica da trama. É seguindo este delineamento que Sófocles, como um “deus” mitológico, guia os destinos de seus personagens.

Antígona representa a lei divina (OIKOS), Creonte a dos homens (PÓLIS). No desfecho da trama ambos foram castigados por serem radicais em suas posições, não abrindo espaço para um acordo ou discussão. Sófocles talvez pretenda mostrar com esta peça que o melhor caminho para fazer justiça é intercalar as leis humanas com as universais, buscando um ponto que tente harmonizar os desejos das partes envolvidas.

Antígona infringe o decreto de Creonte por entender que há uma lei divina, universal, que transcende o poder de um soberano, pois existe uma lei mais antiga, natural, que diz respeito a um mínimo de dignidade que merece um ser humano, independentemente de culpa. Há valores universais que não se submetem aos caprichos de um déspota, por mais

esclarecido que ele possa se achar. Por isso, ela se considera no direito e executa o cerimonial de enterro do irmão que lutou contra Tebas.

Creonte representa o poder estabelecido. As atitudes que toma visam à manutenção desse poder, de tal forma que os fins, para ele, parecem justificar os meios, ao punir Antígona, independentemente de suas razões e crenças pessoais. Projeta nos outros os próprios defeitos, como o autoritarismo e o comportamento pautado pela ganância. Déspota típico, não consegue se retratar a tempo para corrigir um erro e evitar uma tragédia que, inclusive, o prejudica severamente.

O choque entre os pontos de vista de Antígona e Creonte leva a uma reflexão sobre a relatividade das coisas em geral e principalmente daquilo que é moral, justo e, conseqüentemente, legal.

Ao mesmo tempo em que os deuses condenam Antígona por ter assumido um ponto de vista divino, querendo agir como se fosse uma deusa, além de provocar duas mortes, condenam também Creonte pela sua precipitação em punir Antígona, sendo então sacrificado com a perda da mulher e do filho e obrigado a admitir a simultaneidade das duas leis: dos deuses e dos homens. Ambos aprenderam, a duras penas, que é preciso ser prudente, agir com temperança, procurando um meio termo entre os extremos de uma polaridade conflitante. Mas será que a justificativa para a atitude de Antígona de certa forma não a redime, levando em consideração que a conseqüência prática de seu ato, em si mesmo, só efetiva seu desejo, sem incorrer em agressões no âmbito físico? Ao contrário, Creonte, por devoção à outra lei (social e imposta por ele próprio), propunha-se a sacrificar corporalmente a vítima, nesse caso, Antígona?

[1] Para maior detalhamento da peça Édipo Rei, ver o tópico, nesta revista, referente a este texto.

Meio

Esta peça foi apresentada em Atenas, provavelmente no ano 441 a.C., encerrando o sexteto que Sófocles dedicou à tragédia de Édipo, rei de Tebas (as duas primeiras eram Édipo Rei e Édipo em Colono, as outras três desapareceram), talvez uma das mais comoventes e impactantes histórias da literatura ocidental.

Sófocles, ao aperfeiçoar o drama ático, legou à posterioridade um formidável painel da cultura grega. A peça que ele escreveu há 2.500 anos exaltando a coragem de uma princesa enfrentando um rei tirano, continua até hoje arrancando admiração do público ocidental, assim como intensas indagações da crítica literária e filosófica sobre a real motivação da devotada filha de Édipo ao arriscar a própria vida em nome de um princípio.

O grande autor trágico, filho de uma família razoavelmente abastada, deve ter sido criado ouvindo as histórias que cercavam o amaldiçoado monarca tebano. O curioso dessa relação de Sófocles com a história de Édipo e dos seus descendentes é que o dramaturgo acabou por ser eleito estrategista (general), na época da Guerra de Samos (441-439 a.C.), pelos seus concidadãos, provavelmente por indicação de Péricles, exatamente pelo sucesso alcançado pela encenação de Antígona. Também ao seu sucesso como autor deve-se a nomeação dele, em 443 a.C., para o cargo de hellenotamia, o arrecadador de tributos, nomeado pela Eclésia para recolher os dinheiros das cidades aliadas de Atenas.

O mito Antígona, assim como é de característica dos mitos em geral, aborda temas que transcendem a temporalidade da época de sua criação e continua a ser usado como meio de reflexão e ensinamento sobre as questões humanas mesmo após 2500 anos de sua criação.

Mas, para entender melhor a estrutura e a intenção da tragédia, é preciso fazer uma contextualização da época em que o mito foi criado, para tentar se aproximar da raiz das verdadeiras intenções de Sófocles.

Sófocles viveu durante o século V antes de Cristo, entre 496 e 406 a.C. Não poderia ele viver em época melhor para a criação de suas histórias. O século V foi chamado de “Século de Ouro de Péricles”, em alusão ao governador de Atenas nesse período (na verdade ele governou por apenas 32 anos, de 461 a 492 a.C.), que trouxe grande expansão para a Pólis, ocasionando profundas mudanças no mundo grego. Esta expansão gerou um ambiente de paz e de estabilidade que propiciou o crescimento das artes, em especial o teatro. Foi nessa época que viveram três dos grandes escritores da Grécia: Ésquilo (525-456 a.C.); Eurípides (480?- 406 a.C.); e Sófocles.

Por volta de 442 a.C., a Grécia era organizada em cidades-Estados, que possuíam leis e estruturas independentes. Atenas e Esparta caracterizavam-se por serem as cidades-Estados mais desenvolvidas, principalmente em termos de democracia, economia e forças armadas. É importante ressaltar que democracia naquela época só era aplicada para os cidadãos gregos, e só eram considerados cidadãos gregos os homens livres nascidos na Grécia e que tinham um certo poder financeiro. Neste caso, a mulher, figura enfatizada por Sófocles na tragédia, não era considerada cidadã grega, e por isso não partilhava dos direitos constituídos da democracia. Ainda assim, Sófocles trabalha a mulher da época de uma forma muito particular. Ele traz à tona a força e a determinação em potencial da mulher, numa época em que elas eram excluídas de qualquer intervenção na sociedade e eram tidas como um ser inferior, que devia estar sempre submisso ao homem e ao sistema.

As tragédias gregas serviram, antes de ser um entretenimento, como um estímulo a grandes discussões jurídicas, políticas, filosóficas e existenciais da sociedade grega e da humanidade. Antígona é, neste sentido, uma das que mais longamente prestou-se às mais diversas interpretações políticas e literárias.

A Tragédia grega era parte de uma das principais festividades religiosas anuais que se realizavam em Atenas, as Grandes Dionísias Urbanas. Era uma festa da cidade para a cidade e também para os visitantes, por isso era importante que tudo saísse bem. Outro indício da importância que era dada ao teatro na festa: a entrada era paga e o dinheiro recolhido era usado na conservação do teatro, mas sob o regime de Péricles o Estado concedia ao cidadão pobre dois óbolos, aproximadamente um dia de trabalho, para a entrada.

Desta forma, a religião grega pode ser abordada por dois aspectos mais exteriores. De um lado, o lugar sagrado, onde o contato com os deuses se realiza através de sacrifícios; de outro, a festa, quando em dias determinados, aos quais é acrescentada a noite anterior, se dá uma quebra do ritmo cotidiano. Assim, se o templo acentua o espaço da comunidade, a festa acentua a sua temporalidade. O poder divino naquela época era muito presente na mentalidade das pessoas. Os Deuses gregos possuíam características humanas, mas detinham uma força divina que impunha muito respeito aos mortais. As leis divinas podiam entrar em choque com as leis humanas, e isso podia causar um caos nos valores da época. Diante disso, a peça Antígona aborda a questão da temperança entre os homens e deixa clara a susceptibilidade dos mesmos ao erro.

É dentro dessa organização que as tragédias são escritas e apresentadas, levantando questões polêmicas com episódios trágicos, a fim de mobilizar a população grega para as reflexões humanistas. Nesse ambiente vai ser introduzido a posteriori o teatro. Isso ocorreu em Atenas, no séc. VI a.C., sob a tirania de Psístrato.

Uma pequena explicação histórica: o regime tirânico foi ao mesmo tempo uma emanção da aristocracia e uma reação contra ela. O poder estava nas mãos de famílias célebres que o administravam, através de um regime monárquico ou de um regime oligárquico. O poder podia ser transmitido hereditariamente ou de forma eletiva, mas sempre estava nas mãos da aristocracia. Com o surgimento de uma série de crises no seio da aristocracia ocorriam casos em que um aristocrata toma o poder indevidamente, apoiado por outros aristocratas

e/ou por um grupo de cidadãos. Psístrato foi um desses tiranos "populares". Na verdade, tomou e perdeu o poder por três vezes, na segunda metade do séc. VI a.C (561-555 a.C. /544-538 a.C. /534-533 a.C.). Foi justamente durante esse último período de tirania que Psístrato, preocupado com o apoio popular, estabeleceu a regulamentação das representações teatrais em Atenas.

O caráter competitivo das representações teatrais era, na verdade, uma das forças motrizes da cultura grega. O enfrentamento, a competição pública, parece atrair irresistivelmente os gregos, e todas as suas festas apresentam algum tipo de competição. Não devemos nos esquecer que a civilização grega tem um caráter fortemente público. Desde os poemas homéricos, os heróis têm o seu status definido pelos feitos que realizam publicamente, diante de iguais. Os Jogos Olímpicos, cujo primeiro registro é de 776 a.C., são o exemplo máximo dessa compulsão competitiva em festivais religiosos, no caso, em homenagem a Zeus e de caráter pan-helênico, onde não só atletas de várias cidades gregas competiam nas diversas provas, mas também poetas e oradores.

Antes disso o teatro tinha um caráter privado e voluntário. Psístrato foi quem determinou que fossem encenadas em uma das festas mais populares, justamente as Grandes Dionísias Urbanas, em fins de março, em homenagem a Dionísio. Psístrato, com isso, estava fazendo uso da religião contra a aristocracia, reorganizando as festas tradicionais e, especialmente, dando patrocínio estatal ao culto mais popular no momento, o de Dionísio e de sua festa. Segundo os poucos dados que temos, a primeira representação de uma tragédia dentro das Dionísias Urbanas foi aproximadamente entre 536-533 a.C. Temos poucos dados também sobre os autores dessa primeira fase do teatro grego. Após Téspis temos notícia de Quérilo, que teria composto aproximadamente 160 tragédias, e de Frínico, discípulo de Téspis, cuja primeira vitória se deu entre 511 e 508 a.C. Mas os grandes nomes da tragédia grega no séc. V a.C. são, sem dúvida, Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Infelizmente chegaram até nós apenas cerca de uns 10% de sua produção total. Sete tragédias de Ésquilo, sete de Sófocles e 18 de Eurípedes.

Enquanto seu mestre Ésquilo, a quem Sófocles sucedeu no gosto do público ateniense, apresentava invariavelmente os seus heróis submetidos às leis da fatalidade, esboçadas por deuses implacáveis, esse procurou traçar um cenário diferente para a ação dos seus personagens. Se bem que os deuses continuassem os mesmos, o destino dos heróis de Sófocles deriva bem mais do caráter deles do que do determinismo fatalista.

Críticas

Na tragédia grega Antígona, Sófocles leva o espectador ou o leitor a uma reflexão profunda acerca de diversos temas que fazem parte da vida dos seres humanos, tais como: política, religião, direito, diferenças entre gêneros, perfis psicológicos e, principalmente, a moral, destacando nas entrelinhas que as ações morais são irreversíveis.

Antígona teve como punição a própria morte, por se julgar acima das leis do Estado; ela se colocou na condição de Deus ao julgar Creonte e foi responsável por duas mortes: Hêmon e Eurídice. Assim, a oposição de Sófocles em seu texto é tão perfeita que a própria heroína da história (a preferida dos leitores, que se entristecem com sua morte) teve atitudes negativas e criminosas, ao passo que o antagonista passou a ser uma pessoa melhor no final do mito. Outros pontos de oposição que marcaram o texto foram os motivos que levaram Antígona (limitada ao círculo extremo dos parentes próximos) e Creonte (“os deuses da cidade tendem finalmente a confundir-se com os valores supremos do Estado”) a defenderem as suas posições particulares e políticas respectivamente. A atitude de Antígona teve como antecedente a luta pelo Estado, a disputa dos dois irmãos pelo poder. Em contrapartida, o lado político de Creonte foi motivado pela tragédia familiar que fez Jocasta se matar e Édipo abdicar, permitindo, assim, o acesso de Creonte ao poder.

Uma outra marca de oposição é a diferença do papel da mulher desempenhado por Antígona (que enfrentou o Estado) e por Ismênia (que abaixou a cabeça ao que o Estado impôs). Ismênia, entretanto, se tornou mais forte após a morte de Antígona, passando a ter

um papel feminino mais ativo. Neste sentido, vale ressaltar que o texto foi marcado por outras mulheres fortes: Erífile, que obrigou o marido (Anfiarau) a alistar-se para lutar contra Etéocles em Tebas; e também Etra (mãe de Teseu), que desempenhou um certo domínio sobre ele.

As diferenças de governo exercidas por Creonte e Teseu também representaram uma oposição. Creonte manifestava um grande despotismo que o fez perder a temperança.

Em oposição a isso, Teseu (rei de Atenas) utilizou a democracia para com o seu povo. Nas palavras de Teseu no Mito de Édipo: “Fiz desta terra um Estado livre, com um voto igual para todos”.

Sófocles deixa clara a sua postura diante das ações morais. Ele expõe através das decisões e conseqüentes destinos dos seus personagens que a ação moral precisa ser realizada com extrema cautela e sabedoria, pois são irreversíveis.

Experiência

Reflexão criativa a partir da experiência em classe: o que a sala pôde refletir diante do mito:

Sobre o mito: o que Sófocles quer transmitir aos seus ouvintes? Lei divina x Lei dos homens: até onde uma acaba e a outra começa? Cidadania é definição de quê? Qual o papel da mulher? Interesse público x Interesse pessoal: é possível uma temperança?

Sobre Antígona: o que representa Antígona? Qual o seu papel no mito? Quais são as motivações do personagem? Qual o destino de Antígona?

Sobre Creonte: o que representa? A lei humana? É vingativo?

Método: na tragédia de Sófocles há uma intensa elevação da ação dramática: o drama dos movimentos da alma é o desenvolvimento essencial do homem sofredor, é assim que ele cumpre seu destino e realiza a si próprio. A tragédia se constitui como órgão do mais alto conhecimento: a dor constitui uma parte essencial do ser das figuras de Sófocles.

Esquema de estudo elaborado pela turma

Quanto à trama, o texto “Antígona” tem como ponto principal a ética. Esse foi, sem dúvida, um dos temas que despertou maior curiosidade na sala e, por isso, foi um dos mais abordados e discutidos. Como era possível distinguir onde começam e terminam os direitos e deveres de cada um? Creonte, na verdade, decretou uma lei em função de seu próprio benefício, afinal de contas, agiu cegamente, pelo poder e pela vingança. Daí surgiu um novo ponto, a legitimidade da lei: um conflito entre governante e governado. Uma delas representou um grande contraste na obra de Sófocles, despotismo x democracia, a outra diz respeito à vontade do tirano, além do desejo de vingança, que só fez fortalecer algo que se evidencia em todo o curso do texto, a premissa de que violência gera violência.

Um ponto de destaque na discussão em sala foi o papel da mulher, que traça um paralelo com a mulher da época, a determinação de Antígona, além do contraste entre coragem e covardia, exemplificadas respectivamente pela heroína da peça e sua irmã Ismênia. Esse ponto nos é estranho, pois essa é mais uma das muitas divergências criadas pelo autor. Numa época onde a mulher era excluída, alguém que nasce com o objetivo exclusivo de servir (assim como Antígona o fez, cuidando e dedicando-se a seu pai e seus irmãos). Surge um indício de feminismo, que justifica o antagonismo sexual. A peça (provavelmente escrita em 442 a.C.) nos proporciona uma pluralidade de leituras. Transita tanto na área teatral propriamente dita, como na histórica, jurídica e no feminismo, visto que é especialmente significativo que seja a primeira vez que a mulher aparece como representante do humano, ao lado do homem, com idêntica dignidade no quesito de exposição de idéias, pelo menos.

Há também a disputa pelo poder. Algo que motivou boa parte dos envolvidos na trama de Sófocles, já que o estopim de toda a tragédia desencadeada deve-se justamente à briga entre os irmãos de Antígona, Polínicos e Etéocles.

Além disso, a punição de Antígona - e sua conseqüente morte - é outro tema relevante, devido ao fato de ela colocar-se acima dos homens e em postura semelhante à dos deuses. Pode-se citar, ainda, a idéia do político x privado e o valor religioso.

A vida trágica dos personagens de Sófocles não é fruto isolado do acaso: serve para ativar nos ouvintes ou leitores uma reflexão profunda sobre a moralidade, possuindo o papel de informação, que na atualidade corresponde à mídia.

E a Psi com isso?

É com o poeta Sófocles que a poesia grega culmina na sua evolução. A sua fonte é a figura humana e o drama de Sófocles é o drama dos movimentos da alma. As suas obras se baseiam em uma dimensão do humano que envolve o estético, o ético e o religioso, e é na sua arte que se desperta a consciência da educação humana, num sentido amplo. O ideal de conduta humana inspira a arte na qual Sófocles cria seus caracteres. Por causa disso, as relações entre as criações deste autor e a Psicologia são extremamente ricas, como vemos no exemplo do mito de Édipo e sua utilização no conceito psicanalítico do Complexo de Édipo. O mito de Édipo deu a Freud a base para a sua teoria, que, em linhas gerais, refere-se ao amor que o filho tem por sua mãe e ao desejo que este possui de estar no lugar do pai.

Os homens de Sófocles trazem pela primeira vez, e de modo consciente, a psiquê para ser o ponto de partida de toda a educação e moral humanas. A partir do filósofo grego Sócrates, a alma ganha uma nova dimensão e é reconhecida como centro do homem, de onde provém toda a sua ação e conduta. As leis do corpo humano já haviam sido exploradas pelos artistas gregos ao nível da matéria, mas agora o artista grego voltava a descobrir na harmonia do

corpo o princípio do cosmos, e a partir do cosmos o mundo grego chega à descoberta do espiritual. A educação e a poesia na Grécia procuram, então, o conhecimento da verdadeira e essencial forma humana.

A elevação e amplitude da humanidade, em Sófocles, se revelam na presença da mulher. Ela surge como representante do humano, com a mesma dignidade e presença do homem, e uma das mais expressivas personagens femininas deste autor é Antígona. Filha de Édipo e Jocasta, Antígona surge de uma relação incestuosa provocada por uma maldição. Seu destino é defender o direito de um irmão morto em guerra e ser condenada por isso. Antígona defende a lei divina e se contrapõe à lei do Estado grego. A mulher neste mito é o personagem principal, por isso tem uma força de expressão muito intensa. Ela se define como sujeito atuante e toma as decisões de acordo com a sua visão pessoal, independentemente de uma presença masculina.

O objetivo do mito é atingir o equilíbrio, a temperança. Ao longo da história, personagens como Ismene e Creonte, irmã e tio de Antígona respectivamente, modificam os seus posicionamentos diante do problema estabelecido. O mito fala de tomada de decisões, de transformação, de fatalidade e destino, ou seja, de temas típicos da vida humana que, conseqüentemente, são temas psicológicos. Assim, a representação da tragédia é uma explicitação de costumes e traz à tona questões que se referem ao homem universal, ser psicológico, grego ou contemporâneo. O objetivo do autor é mostrar que devemos sempre procurar um meio-termo entre as polaridades conflitantes com o propósito de estabelecer e manter o equilíbrio nas condutas.

Letra

Fatos que justificam a atitude de Antígona:

Antígona foi fruto de uma relação incestuosa, sabia assim a carga negativa que ela e sua família carregariam durante toda a vida: “Ai das maldições do leite materno e união de meu pai e de infeliz mãe com quem a si mesmo gerara! De que pais nasci eu, desgraçada! “4 Mesmo sabendo da maldição alarmada pelo Oráculo, Antígona jamais se voltou contra o pai, sendo uma filha fiel e cuidadosa até o seu leito de morte.

A peça de Sófocles foi escrita em 442 a.C., onde as mulheres eram muito submissas ao machismo de uma sociedade patriarcal. Antígona não fugia às regras, era dedicada a ensinamentos domésticos, cuidava dos parentes (Édipo) e dedicava-se extremamente à religião.

Ao ver a situação de Polinices, morto e sem direito a sepultura (Creonte determinou que Polinices não fosse enterrado), Antígona resolve oferecer ao irmão as cerimônias fúnebres. Por ser tão religiosa, ela tenta se aproximar das leis divinas (no paganismo grego o “espírito” só pode descansar depois de sepultado).

Muitos interpretam Antígona como sendo uma revolucionária, representante feminista e até precursora da Desobediência Civil (ou contestação da sabedoria do poder). Em verdade, os laços familiares não seriam os mais fortes contratos humanos?

Reflexão crítica sobre a “letra” do autor, elaborada através de comentários das obras lidas:

KITTO, H. D. F. Os Gregos; tradução de José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra, ed. Martins Fontes, 1990.

Por ser esse um livro que trabalha basicamente com a história e a evolução da política do povo grego, ele se preocupa mais, no que diz respeito a Sófocles e Antígona, com o que essa tragédia traz de importante sobre a política da época e do lugar onde foi feita. A parte do livro que trata do tema proposto é uma referência à fala de Hémon, filho de Creonte, que acusa o pai de falar como um tyrannos, com a seguinte frase: “Não é pólis a que for governada por um só homem”.

JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego; tradução de Artur M. Parreira. São Paulo, ed. Martins Fontes, 1995.

Jaeger, nesse livro, dedica um capítulo exclusivo a Sófocles, abordando esse grande escritor grego de uma forma bem abrangente, falando como começou a sua carreira de sucessor de Ésquilo, sobre a estrutura da tragédia e a sua grande importância para o povo grego, até chegar às suas obras mais famosas, como Édipo em Colono, Édipo Rei e, principalmente, Antígona. O que mais chama a atenção nessa referência a Sófocles é como o autor estuda a criação da tragédia: “Uma vez alcançado o seu esplendor, adquire força normativa para o espírito dos contemporâneos e para a posteridade, e estimula, em nobre competição, as mais altas potências”.

SÓFOCLES. A Trilogia Tebana; tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, ed. Jorge Zahar, 1996.

O livro apresenta as três maiores obras de Sófocles, e Mário da Gama Kury, na introdução deste, além de falar sobre o autor, faz uma espécie de mapeamento das peças contidas no livro. Especialmente sobre Antígona, o escritor faz um pequeno resumo da obra, partindo para interpretações das ações das personagens, principalmente de Creonte e Antígona, e, por fim, coloca pontos de vista e análises de outros autores se referindo à peça, como, por exemplo, R. C. Jebb, que diz que: “...é um conflito entre a lei do Estado, imposta com excessivo rigor, e uma afeição natural colocada acima das leis. Creonte está certo na letra e errado no espírito; Antígona está certa no espírito e errada na letra.”

Mário afirma ser o tema principal da peça analisada “choque o direito natural, defendido pela heroína, com o direito positivo, representado por Creonte.”

www.paideia.hpg.ig.com.br/sofocles/antigona.htm

Nesse site, encontra-se um trabalho bastante rico sobre a peça Antígona, falando sobre o seu enredo, os crimes familiares nos mitos gregos, a posição revolucionária de Antígona, a tirania de Creonte, questionamentos sobre a lei da época em que foi escrita e a lei atual e sobre o feminismo em Antígona.

Essa última parte desperta interesse por ser uma outra forma de se analisar o mito, além de uma maneira ligada às ciências políticas. Ela se refere à emancipação de Antígona, que, pelo fato de ser mulher, submissa para com toda a sociedade, enfrenta um homem, e não um qualquer, mas um rei.

CARVALHO, Mercedes; MENEZES, José Euclimar. Resenha sobre: FREITAG, Bárbara. Itinerários de Antígona: a questão da moralidade. São Paulo, ed. Papyrus, 1997 (in: Revista Estudos Acadêmicos; Faculdade Ruy Barbosa, 2001).

Os autores expõem como foi tratado o assunto da moralidade por Freitag, tendo como ponto de partida a antiguidade grega e a peça Antígona, seguindo pelos vários campos da filosofia, até chegar à atualidade.

Freitag coloca que Creonte podia errar, já que ele se apoiava na lei dos homens, que, por sua vez, é susceptível ao erro. Por isso ele não obteve dos deuses a punição da morte, ganhando até uma segunda chance. Já Antígona, que se baseava na lei dos deuses, que é aceita como a da perfeição total, não podia ter errado, logo, não foi perdoada e acabou tendo a sua punição.

Para Freitag, tanto Creonte quanto Antígona estavam errados pelo seu extremismo. Eles não agiram de acordo com a moral grega da “temperança, virtude que somente se adquire pela vida”.

Indução

A partir de uma suposta entrevista com Sófocles, buscamos uma elucidação dos pontos que se mostraram passíveis de dúvida.

Quando Teseu resolve defender Tebas ele faz um breve discurso em defesa da democracia, ao conversar com o mensageiro. Há alguma relação entre a figura de Teseu e a de Péricles, você defende a democracia também?

Bem, no contexto cultural em que eu me encontrava quando escrevi a peça, Atenas passava por algumas mudanças, a idéia da democracia começava a borbulhar na Grécia, com o governo de Péricles, e eu realmente considerava um modelo mais justo que o despotismo. Não sei se você sabe, mas eu era amigo de Péricles e até atuei como político, fui ministro, magistrado e na expedição contra Samos fui tesoureiro imperial e general, então quis aproveitar a tragédia que estimula a criticidade do público para mostrar as vantagens de um governo democrático.

Qual seu principal objetivo ao mostrar o confronto entre Antígona e Creonte?

O principal foi mostrar a importância da temperança nas atitudes humanas. Cada personagem foi radical no seu ponto de vista. Creonte, ao insistir na lei que ele criou para representar a PÓLIS; Antígona, ao defender a lei divina, o OIKOS. Ambos tomaram atitudes sem medir as conseqüências; Antígona, tentando se igualar aos deuses, foi responsável por duas mortes e Creonte acabou por perder seus entes mais queridos, a mulher e o filho. A partir disso, percebe-se a necessidade de mediação entre as leis (divina e humana) para se encontrar um equilíbrio e agir corretamente.

Por que o senhor faz uso do mito nas suas peças?

Porque os mitos fazem parte da própria história da Grécia, eles são elementos muito fortes tanto na religião quanto na cultura grega. Por isso são mais poderosos quando se quer sensibilizar uma platéia e levá-la ao questionamento. Os mitos dão a dimensão da precariedade da vida humana frente aos deuses, há todo um questionamento sobre seguir as leis divinas ou confrontá-las, o que permite a discussão de vários questionamentos que permeiam a humanidade.

Por que em Antígona o senhor utiliza tantos antagonismos?

Porque o objetivo principal da tragédia é suscitar questionamentos. Para tanto, nada melhor que mostrar os pontos de vista confrontantes, seus argumentos, suas razões e até seus radicalismos, levando, assim, a platéia a se questionar e a assumir posições, entender os personagens, se sensibilizar, enfim, participar da peça.

A seguir, responda às perguntas e, depois, confira as respostas nas palavras cruzadas abaixo.

1- Nome da personagem que decide conceder as honras fúnebres a Polínices, apesar do edito proibitivo de Creonte, movida pela convicção de que seu direito era mais válido?

2- Onde se passa a maior parte da história de Antígona?

3- Qual o nome do personagem que foi amaldiçoado e que acabou casando com sua mãe?

4- A história de Antígona foi escrita originalmente para ser apresentada em forma de quê?

5- Qual o nome do personagem que era o irmão mais novo de Antígona e que foi morto em defesa da cidade pelo irmão que o atacava?

6-Qual é o estilo literário de Antígona?

7-Que virtude seria preciso ter para que Antígona e Creonte encontrassem um meio termo entre os extremos de uma polaridade conflitante?

8-Creonte exercia seu poder de estadista de uma forma _____ .

1

				A							
8-	T	I	R	A	N	I	C	A			
				2-	T	E	B	A	S		
			3-	E	D	I	P	O			
6-		T	R	A	G	É	D	I	A		
5-		E	T	E	O	C	L	E	S		
	T	E	M	P	E	R	A	N	Ç	A	-7
			4-	P	E	Ç	A				

Provocação

De que maneira certos comentadores trabalham e interpretam o mito de Antígona?

Existem interpretações políticas e literárias de Antígona feitas por alguns teóricos. Hegel, por exemplo, considera este mito como algo além de apenas uma briga, mas o conflito entre os interesses do Estado – Creonte – diante de leis não-escritas, e os direitos familiares, a ordem natural – Antígona.

H. D. F. Kitto¹ considera que neste conflito entre duas fortes personagens a maior importância deveria ser de Creonte, “ele é quem domina o cenário”. “Na verdade, pode-se considerar a peça como uma notável exposição sobre a solidão do poder e o gigantesco preço que um estadista é obrigado, por vezes, a pagar por ter tomado uma decisão que ele considerava acertada.”

Já Albin Lesky² pensa diferente: não considera, como Hegel, o conflito entre Estado e família, mas sim que Creonte é tirano, individualista e vingativo (ele afirma que sua vingança decorre do fato de antes já ter perdido um de seus filhos – Menoceu).

Para J-P Vernant & Vidal-Naquet³, esta tragédia é caracterizada tanto pela maldade de Creonte, como pela coragem de Antígona, mas principalmente aborda o conflito da religiosidade, vida religiosa existente: “Antígona – representante da religião familiar, puramente privada, limitada ao círculo estreito dos parentes próximos, ao *philoí*, centrada no lar familiar e nos mortos, aos quais ela deve obrigações impostergáveis, sem possibilidade de transigir; Creonte – representante da religião pública, onde os deuses da cidade tendem finalmente a confundir-se com os valores supremos do Estado. O magistrado supremo tem o dever de fazer respeitar seu *krátos* (governo) e a lei que proclamou”.

Acrescenta Kathrin Rosenfield⁴ que Creonte não só assumiu um papel de tirânico como também o de um pai que não queria ver seu filho se casando com alguém abominado pelos deuses... “Sabendo que Antígona era resultado de um casamento incestuoso, ela, contraindo núpcias com Hemão, faria com que o futuro rebento daquela união, o neto de Creonte, fosse também atingido pela praga que cercara a todos os Labdácias.”

Menezes e Mercedes Carvalho, na resenha⁵ sobre o livro de Bárbara Freitag, “Itinerários de Antígona: a questão da moralidade”, percorrem este tema da moral que Antígona está inclusa. Considera-se que o conflito moral existe em vários personagens deste mito, “tendo como extremos a própria Antígona e Creonte”. Será tratada a questão do conflito entre as irmãs quando Ismene obedece à lei dos homens, enquanto Antígona obedece à lei dos deuses. O conflito entre Antígona e Creonte também terá por base os mesmos fatores:

Antígona representa a lei divina e da família grega; Creonte representa a lei dos homens, do Estado Grego.

Outra questão que é tratada é o perdão: considera Freitag que Creonte se arrepende ao mandar matar Antígona, apesar de não conseguir chegar a tempo... “Quanto à função pedagógica, a autora afirma que a intenção de Sófocles é mostrar ao público que toda ação humana é susceptível de erro e que cada ponto de vista defendido tem sua razão de ser, remetendo, contudo, ao ponto de vista radicalmente contrário, cuja validade e legitimidade tornam-se evidentes no desdobrar da trama de cada personagem. É uma verdadeira conscientização do público.” (pág. 90)

Considera, também, que Antígona desrespeita as leis dos homens e é sacrificada com a morte: “Conhecia e assume as conseqüências de sua ação. O que ela não sabia é que iria arrastar à morte Hemom e Eurídice, ambos inocentes, ferindo, assim, a lei divina. Também não lhe ocorreu que poderia estar provocando a ira dos deuses ao assumir o ponto de vista da justiça divina, infalível e absoluta. Só se dá conta tarde demais, sofrendo o mesmo que o seu irmão Polinice, isto é, não tendo o direito aos funerais tradicionais.” (pág. 90)”

A autora também considera que as mortes de Antígona, Eurídice e Hemom simbolizam a morte das estruturas tradicionais da Grécia Antiga, enquanto que a sobrevivência de Creonte e Ismena simboliza a emergência das estruturas novas.

“A questão da moralidade na peça de Sófocles deixa claro que as ações morais são irreversíveis. Não há como voltar atrás fazendo de conta que nada aconteceu. Mas a cada momento, a cada episódio ou cena da peça, com a entrada e saída dos personagens, com as advertências do Coro e do Corifeu, surgem novas opções, novas alternativas de ação que poderiam ter revertido o quadro, impedindo a realização da tragédia... A discussão multidisciplinar da questão da moralidade revelou a profundidade da questão: viver significa agir, mas agir é perigoso, pode custar-nos (ou a outros) até mesmo a vida. É essa a lição de Antígona.” (pág. 98-99)

-
- 1 A Tragédia Grega, Coimbra, 1972.
 - 2 La tragédia griega, Barcelona, 1970.
 - 3 Mito e Tragédia na Grécia Antiga, S. Paulo, 1977.
 - 4 Antígona – de Sófocles a Holderlin, Porto Alegre, 2000.
 - 5 CARVALHO, Mercedes C. C.; MENEZES, J. E. X. Itinerários de Antígona: a questão da moralidade; in Estudos Acadêmicos, Faculdade Ruy Barbosa, ano 3, vol. 2, dezembro 2001 (pág. 89-100).

Alvo

Como eram vistas Antígona e Ismene naquela época?

Antígona e Ismene, ambas enfrentando de diferentes maneiras o conflito entre obedecer à lei do OIKOS (dos deuses) ou à lei da PÓLIS (dos homens), como podem ser consideradas quanto aos papéis e às funções assumidas por cada uma, considerando os valores e a tradição da época?

Como situar ambas as personagens de acordo com as posições tomadas por cada uma? Elas podem ser julgadas por suas atitudes, ou estas devem ser relativizadas pelas condições em que se encontravam?

A tragédia trata de interesses pessoais ou de Estado?

Qual era o objetivo de Creonte durante e no final da tragédia?

Como analisar as punições sofridas por Creonte, como uma notável manifestação da solidão que o poder pode gerar?

Quais as mensagens que o texto revela quanto a questões cotidianas?

Viver significa agir, mas agir é perigoso, pode custar-nos (ou a outros) até mesmo a vida. É essa a lição de Antígona. No entanto é preciso agir, optar e assumir responsabilidade pela vida individual e coletiva. Assim, diz Freitag, somos todos co-responsáveis pelo nazismo, pelas guerras, pela miséria do Terceiro Mundo, pela crise no Brasil, pela catástrofe ecológica.

Quadro comparativo sobre o ponto de vista religioso de Antígona e o de Creonte:

Antígona

Representante da religião familiar, puramente privada, limitada ao círculo estreito dos parentes próximos, ao *philoí*, centrada no lar familiar e nos mortos, aos quais ela deve obrigações impostergáveis, sem possibilidade de transigir.

Creonte

Representante da religião pública, onde os deuses da cidade tendem finalmente a confundir-se com os valores supremos do Estado. O magistrado supremo tem o dever de fazer respeitar seu *Krátos* (governo) e a lei que proclamou.

Método

Qual o método utilizado por Sófocles na peça trágica? Qual a estruturação feita pelo autor para dar à sua obra tanta vivacidade e movimentação, tornando o texto tão atual?

Primeiramente, devemos fazer um esclarecimento literário a respeito da tragédia. A tragédia, ao que se confunde comumente, não é drama; na tragédia, as coisas de fato acontecem (o filho mata o pai, o irmão ataca sua cidade natal, o tio mata a sobrinha), já no drama há uma promessa constante de que tais coisas poderão acontecer. O mito de Antígona é uma narrativa observadora, onde o autor não se apresenta inserido nesta, ou seja, é onisciente. Ele conta os fatos sem adentrar na mente dos personagens e dá um tratamento emocional às questões. Sófocles mistura tempo e espaço (fábula versus realidade) através de sua rica imaginação, trazendo problemas do cotidiano. Mescla as histórias sem um fim limitado.

Escreve a história de modo a guiar-nos para que adentremos na dramática luta entre princípios, entre personagens autoritariamente convictos de suas atitudes, dando-nos uma visão ampla do recurso utilizado na desenvoltura teatral e nos aspectos jurídico e histórico.

Neste ponto, as obras sofoclitianas, sobretudo Antígona, são marcadas por encruzilhadas. Apresentaremos algumas encruzilhadas que aparecem no texto:

-Creonte: apoiar ou não Etéocles?

-Etéocles: se voltar contra o irmão?

-Polínicos: atacar ou não sua cidade natal?

-Ismene: ajudar ou não Antígona?

-Antígona: seguir as leis do OIKOS ou seguir as leis da pólis (questão central)?

-Teseu: fazer valer a lei das cidades gregas ou deixar para que cada uma cuide das suas leis?

O autor em momento algum se mostra tendencioso; assim, ele tenta, no texto, relativizar a questão em discussão, colocando-a sob vários pontos de vista (do ponto de vista de Antígona, de Creonte, de Etéocles). Desta forma, o autor permite ao leitor tirar suas conclusões e fazer variados julgamentos sobre a mesma situação.

Conclui-se que o método utilizado por Sófocles permite ao texto uma universalidade e uma contemporaneidade tremendas. A peça é atual e atemporal por estabelecer uma relação de humanidade com o interlocutor, e é rica em aspectos culturais. Um deles é a presença de metáforas náuticas. Os questionamentos quanto a tomadas de decisões permeiam a vida humana em toda sua história, por isso a temática da liberdade, da escolha, da traição, que se encontram na obra de Sófocles, serão sempre panos para muitas mangas.

Problema

Quais as questões modernas e contemporâneas que repercutem a história de Antígona?

Na Idade Moderna, Rousseau e Kant falam de uma perspectiva essencialista, como o mito o faz. Rousseau dá mais ênfase ao determinismo das ações; em Antígona, este determinismo é visto nas ações da protagonista, que decide desobedecer a ordem de Creonte e acatar as leis dos deuses, partindo do determinismo de suas ações. Na verdade, quando Antígona julga estar fazendo sua própria vontade, ela está cumprindo seu papel como seguidora da religião pagã, executando as “vontades dos deuses”. Já Kant dá mais ênfase à moralidade como guia da ação humana, como quando Antígona segue seus valores para desobedecer à lei de Creonte. Neste caso ela afirma estar fazendo isso calcada na sua própria razão e moral.

Depois temos Hegel, que tem uma concepção moral subjetiva. Considera que as ações só têm respaldo moral quando inseridas no corpo da sociedade. Vemos a ação de Antígona como correta porque naquela sociedade as leis divinas tinham um enorme valor. Apesar da

ação de Antígona ser subjetiva, para Hegel a questão moral é uma questão de consciência, ou seja, o indivíduo deve ter consciência de suas ações. O papel do Estado entra justamente no sentido de proporcionar esta consciência, o Estado, então, deve dar uma boa educação para todos os indivíduos.

Na contemporaneidade, o sociólogo Weber diz que os fins justificam os meios. Neste caso, todas as nossas ações serão éticas se o propósito alcançado for, também, ético. De acordo com isso, a ação de Antígona seria novamente ética. Isso pelo fato de estar calcada com o propósito da ética divina. Sua atitude se autojustificaria.

Como fica, então, a aplicação política de Antígona na atualidade, onde se vive o neoliberalismo? E como Sófocles veria o imperialismo econômico da modernidade e a ética capitalista? Questões como estas mostram a atualidade desta obra, que vai muito além de uma trama trágica. Desta forma, poderíamos dizer que a tragédia é um instrumento político capaz de formar opinião e divulgar idéias como a mídia faz atualmente. A mídia cumpre a política do “panis et circense”, desviando a atenção dos problemas políticos para a diversão e o voyeurismo, desvirtuando o conceito de Hegel da boa educação para o povo. Esta afirmação toma relevância à medida que boa parte da mídia encontra-se hoje, direta ou indiretamente, ligada a algum poder político.

Tomando-se como central a questão ética que conflita Antígona com Creonte, podemos dizer que este é um ponto que une antiguidade, modernidade e contemporaneidade. Nota-se que há muito estava presente a discussão acerca da ética, embora de forma diferente, como nos ensina Mondolfo¹:

“A idéia de dever e de obrigação que os modernos consideram fundamental na definição da Ética se acha por completo ausente na Ética antiga (...) Tampouco podia haver um chamado à consciência moral ou a uma lei interior: o olhar dos gregos jamais se voltou para a sua

interioridade para buscar a norma de seu comportamento, mas sempre para o exterior, para a natureza, na intenção de conseguir a conformidade com ela.”

Mondolfo afirma que, por serem regidos pela natureza, não caberia a culpa, tal como a entende a moral moderna, uma vez que a idéia que predomina é a de liberdade humana.

Será que é justo e legítimo maltratar prisioneiros de guerra, tirar-lhes os direitos? Na verdade Creonte desobedeceu às “leis divinas”, que hoje persistem na forma da “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, na religião cristã e em vários outros segmentos humanistas. Será que uma lei de um país poderoso, que coloca seus prisioneiros de guerra em uma ilha do Pacífico, em péssimas condições, por terem colaborado com um ataque terrorista, é mais importante do que as leis universais que garantem a todos os seres humanos um direito digno? Será que estas leis devem ser desobedecidas para cicatrizar o orgulho ferido de uma nação que se julga superior?

Aqui no Brasil também tem se abordado bastante o tema. A morte do prefeito de Santo André, por exemplo, levantou uma questão ética. Se realmente ficar comprovado que foi o menor que praticou o crime (16 anos), ele não poderá ser preso. Ele será transferido para uma casa de auxílio ao menor – onde nós brasileiros sabemos que não será regenerado, e logo será solto. Como, então, garantir os direitos de lutar por um ideal sem que sua integridade seja desrespeitada? Onde está o senso de justiça? Os aspectos jurídicos, ainda hoje, causam dolorosas discussões, como se pode ver no Artigo 3º: “Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.” Consta no Código Penal: Art. 21. O desconhecimento da Lei é inescusável. Aliás, este também era o argumento de Creonte, afinal, havia um Édipo.

“O que esperar de uma filha de Édipo?” Ninguém nasce impunemente de um personagem destes. Além do mais, fruto incestuoso. Para começar, há uma maldição familiar só purgada pelo sangue. E Antígona têm consciência de seu destino, fruto de sua descendência: “Ai das maldições do leito materno e união de meu pai de infeliz mãe com quem a si mesmo gerara! De que pais nasci eu, desgraçada! Está no sangue, marcada para morrer”². Esta

questão se inicia com o mito de Édipo e a maldição do Labdácias. Neste sentido, o crime é punido, e o estigma é passado por toda a linhagem. Assim sendo, o destino rege a vida dos indivíduos. O crime do incesto foi desde o passado algo considerado sujo e imoral. Ainda hoje o crime de incesto é intolerável em nossa sociedade, e algumas religiões acreditam que doenças derivadas da consangüinidade sejam um castigo de Deus. Para a época, toda a tragédia desenrolada através da história serviu como um castigo para o crime.

Sófocles tem o mérito de com o seu teatro antropocêntrico e teosférico retirar o herói grego de seu papel passivo e colocá-lo concorrente do destino. O destino se cumpre, afinal, Antígona é primeiramente uma obra trágica, mas o herói tem vontade e ação. O que substitui na atualidade a visão mística do destino? Os indivíduos já poderiam prever seu futuro de acordo com os estigmas que adquirem: raça, religião, classe social-econômica, estética, opção sexual e etc.?

Outra questão atual vista no texto refere-se à questão feminista. Vemos Antígona contrariando o machismo vigente para fazer algo que mulher não deveria fazer. Sua irmã, no entanto, sabe de sua condição e avisa para a irmã que elas são mulheres e, portanto, não devem se intrometer. Durante muitos anos as mulheres lutaram como Antígona para fazer suas vontades, para chegar aonde se chegou hoje. O dia internacional da mulher reflete a luta de muitas mulheres operárias que morreram, como Antígona, pela causa feminina. Ainda hoje a luta pela emancipação da mulher é uma tarefa bastante complexa. E as personagens de Sófocles têm consciência disso. Ismênia, a mais acomodada, alerta a irmã, pois “...é preciso lembrarmo-nos de que nascemos para ser mulheres, e não para combater os homens...” No mesmo sentido vai o raciocínio de Creonte: “Levem-nas para dentro, escravos. A partir deste momento, têm de ser mulheres, em vez de andarem livremente”. O ponto de vista feminino está condensado numa frase lapidar de Antígona: “não nasci para odiar, mas para amar.”

A tragédia expõe ao público as relações delicadas a que somos expostos dentro de uma sociedade e o quanto é importante que os nossos desejos não superem totalmente a razão. A discussão da moral enfoca a importância da empatia com o outro, assumindo, assim, a

postura de sempre olhar para ambos os lados e tentar entender até onde somos levados pela emoção. Esquecemos da importância de nos dedicarmos a analisar um problema, em vez de simplesmente julgar, buscar a temperança. A mitologia ajuda a tragédia no momento em que ela direciona a discussão, criando opostos (como no caso de Antígona) e ajudando na formação de uma consciência crítica para a formação de opiniões.

Além disso, os cidadãos gregos tinham uma preocupação muito grande com a questão da moral. Daí a democracia como um sistema em que todos os cidadãos da época deviam participar, tornando-se um sistema voltado para as questões éticas, no intuito de construir uma sociedade justa e organizada. Ainda que para poucos, a prática efetiva da democracia na Grécia representa um modelo básico que foi sendo modificado até chegarmos nesta “democracia” dos dias atuais. O pleno sucesso da democracia ainda é algo a ser buscado pelos homens, e, para isso, deve ser adaptada a algumas práticas gregas, tais como a participação política dos cidadãos de forma engajada e consciente e a reflexão sincera sobre as questões éticas, para que os cidadãos atuem e assumam a responsabilidade de organização da sociedade em nível coletivo e não de pequenos grupos, como continua sendo feito nos dias atuais.

1 MONDOLFO, Rodolfo. O homem na cultura antiga. Editora Mestre Jou. São Paulo: 1999, 2ª edição.

2 www.paideia.hpg.ig/sofocles/antigona.htm

Glossário

Antígona: representante da religião familiar, puramente privada, limitada ao círculo estreito dos parentes próximos, ao *philoí*, centrada no lar familiar e nos mortos; à tradição da família ela deve obrigações impostergáveis, sem possibilidade de transigir.

Conduta: resposta a um estímulo que pode variar dependendo da situação.

Creonte: representante da religião pública, onde os deuses das cidades tendem finalmente a confundir-se com os valores supremos do Estado. O magistrado supremo tem o dever de fazer respeitar seu *Krátos* (governo) e a lei que proclamou.

Direitos de Sucessão: motivo pelo qual os irmãos Etéocles e Polonices entraram em guerra. O primeiro estava ao lado do tirano e do tio Creonte, que havia tomado o poder; o segundo contestava a sua legitimidade no trono.

Direito Natural: elemento que favorece o indivíduo quando as Leis Jurídicas se colocam à frente das Leis Divinas. Possibilidade de reivindicar em favor dos princípios morais e religiosos, de conhecimento de todos, e que deveriam servir de base para a formulação das leis escritas.

Édipo: filho de Laio, mata seu pai e acaba por casar-se com Jocasta, sua mãe, sem ter conhecimento disso. O mito de Édipo provavelmente deriva de uma lenda vinda do Egito, “Tifão”.

Eticidade: atributo valorativo que possibilita a permanência de um sistema social, organizado, sem a ameaça dos desejos individuais se sobreporem ao bem-estar da sociedade.

Incesto: ato de manter relações sexuais com membros da própria família. O incesto sempre foi visto como um ato digno de condenação e severa punição. Violação de um dos mais antigos tabus que se origina de fontes mágicas e religiosas. Ato praticado por Édipo ao

casar-se com sua mãe, tendo quatro filhos. Tendo atraído, então, a fúria dos deuses, Édipo foi condenado a uma maldição e teve que abdicar de seu próprio trono.

Ismene: irmã de Antígona que representava o lado omissivo da mulher da época, ao contrário de Antígona. Recusou-se a ajudar sua irmã em seu ato altivo.

Lei: caracterizada pela impossibilidade de que determinada coisa aconteça de outra forma, é dotada de uma força tal que garante a realização de regras e condutas por ela impostas.

Lei da Pólis: lei criada pelos homens para defender seus interesses, em contraste com a lei dos deuses. Essa lei pode ser representada pelas determinações de Creonte.

Obrigação: de caráter coercivo, aplica-se a uma relação entre indivíduo x lei jurídica ou indivíduo x norma moral. Indo além da simples necessidade, é preciso que aconteça de determinado modo.

Oráculo: lugar onde o destino de um cidadão é determinado devido a seus atos, é ministrado por um conjunto de anciões.

Punição: reação a uma resposta que não condiz com as normas ou forma de conduta esperada. De caráter físico ou psicológico, normalmente traz consigo o medo para aqueles que sofrerão a sua ação.

Tabu: de grande influência moral nas regras de convívio, o tabu, que significa 'intocável', é tido como coisa sagrada, simbólica, que não pode ser violada.

Temperança: o processo de socialização exige do homem uma conduta racionalizada, atitudes incontroláveis tornaram-se insustentáveis na organização que a sociedade impôs. Modo de agir que faltou aos personagens principais: Antígona e Creonte.

Tirésias: a voz dos deuses, conselheiro, representante da prudência e da sabedoria.

Tradição Grega: todos os gregos devem enterrar seus mortos seguindo certos rituais, para que eles possam encontrar abrigo e descanso. Esta tradição está de acordo com a lei dos deuses (lei do OIKOS), a qual Antígona toma como justificativa para suas atitudes.

Tragédia: 1. conjunto de acontecimentos desastrosos nos quais a história se fundamenta ao final da narrativa. Creonte se enxerga numa situação trágica ao ver seu filho e sua esposa mortos por causa de uma determinação sua. 2. estilo de expressão artística predominante na arte grega, a qual tinha a função de comunicar emoções e questões morais. Os dramaturgos tiravam os temas de suas tragédias dos próprios mitos de suas cidades.

Sobre

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. Martins Fontes, 1998.

BRANDÃO, J. Teatro Grego: tragédia e comédia. Ed. Vozes, 3ª edição, Petrópolis, 1985.

BULFINCH; O livro de ouro da mitologia; 2000, Ed. Ediouro, Rio de Janeiro, 11ª edição.

BULLFINCH, Thomas. O livro de ouro da mitologia. Editora Ediouro, 11ª Edição, 2000.

CARVALHO, M. e MENEZES, J. Resenha de: “Itinerário de Antígona: a questão da moralidade”. In: Estudos Acadêmicos, ano 3, vol.2, Faculdade Ruy Barbosa, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Introdução à história da filosofia: Dos pré-socráticos a Aristóteles, vol. 1, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1994, 2ª edição.

DUROZOI & ROUSSEL; Dicionário de Filosofia, 1996, Ed. Papirus, Campinas, SP, 2ª edição.

HARPUR & WESTWOOD; Atlas do extraordinário: Lugares Lendários, Vol.1, 1996, Ed. Delprado, Rio de Janeiro.

HATZFELD, Jean. História da Grécia Antiga. Publicações Europa-América, 3ª edição.

JAEGER, Werner. Paidéia, A formação do homem grego. Tradução: Artur M. Parreira São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1979.

MONDOLFO, Rodolfo. O homem na cultura antiga. Editora Mestre Jou. São Paulo: 1999, 2ª edição.

Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

Revista de Informação Legislativa, ano 33, nº132.

SÓFOCLES, A Trilogia Tebana. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro, 2001, 9ª edição.

SÓFOCLES, Édipo Rei. Coleção Teatro Vivo. Editora Abril Cultural, 1976.

Sites:

www.terra.com.br/voltaire/cultura/antígona5.htm

www.mundodosfilosofos.com.br

www.teiajuridica.com/a/antigona.htm

www.paideia.hpg.ig.com.br/sofocles/antigona.htm

www.meltingpot.fortunecity.com/malta/242/antigona.htm

www.meltingpot.fortunecity.com/malta/242/edipo.htm

www3.zaz.com.br/voltaire/cultura/antigona2.htm

www.humanas.ufpr.br/defi/tragedia/pique.htm

www.dialetica-brasil.org/pires-ant.htm

www.geocities.com/antigona_yuyachani/contexto.html

www.zemoleza.com.br

www.pcsp.br/~clinpsic/antigona.htm

